

Eros psique e redes sociais, a ressurreição do narciso

Eros, Psyche, and Social Media: The Resurrection of Narcissus

Eros, Psique y las Redes Sociales: La Resurrección de Narciso

Original Recebido em: 03/08/2025

Aceito para publicação em: 15/06/2026

Luiz Claudio Hipólito Valeriano

Doutor em Saúde Pública

Instituição: Faculdade do Futuro Manhuaçu, MG Brasil.

E-mail: PhD.claudio@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0803-1683>

RESUMO

Objetivo: refletir criticamente sobre as relações entre Eros, psique, narcisismo e redes sociais na hipermodernidade, destacando os efeitos das plataformas digitais sobre o desejo, a identidade e os vínculos afetivos. **Método:** ensaio teórico-reflexivo, fundamentado em contribuições da psicanálise, da filosofia política e da crítica sociocultural, com ênfase em Freud, Lacan, Foucault, Mbembe, Bauman e autores contemporâneos. **Resultados:** a análise indica que as redes sociais operam como espelhos tecnológicos, nos quais o sujeito contemporâneo busca reconhecimento, prazer e confirmação narcísica por meio de imagens, curtidas e performances de si. Nesse ambiente, Eros é atravessado pelo consumo, pela visibilidade e pela fantasia, enquanto a identidade digital se torna extensão instável do eu. **Conclusão:** a ressurreição simbólica de Narciso nas redes sociais revela novas formas de desejo, sofrimento e subjetivação, exigindo reflexão ética sobre tecnologia, amor e existência humana.

DESCRITORES: Psicanálise; Redes sociais; Narcisismo; Tecnologia digital; Amor.

ABSTRACT

Objective: to critically reflect on the relationships among Eros, psyche, narcissism, and social media in hypermodernity, emphasizing the effects of digital platforms on desire, identity, and affective bonds. **Method:** this is a theoretical-reflective essay based on contributions from psychoanalysis, political philosophy, and sociocultural criticism, with emphasis on Freud, Lacan, Foucault, Mbembe, Bauman, and contemporary authors. **Results:** the analysis suggests that social media function as technological mirrors in which contemporary subjects seek recognition, pleasure, and narcissistic confirmation through images, likes, and performances of the self. In this environment, Eros is crossed by consumption, visibility, and fantasy, while digital identity becomes an unstable extension of the ego. **Conclusion:** the symbolic resurrection of Narcissus on social media reveals new forms of desire, suffering, and subjectivation, requiring ethical reflection on technology, love, and human existence.

DESCRIPTORS: Psychoanalysis; Social media; Narcissism; Digital technology; Love.

RESUMEN

Objetivo: reflexionar críticamente sobre las relaciones entre Eros, psique, narcisismo y redes sociales en la hipermodernidad, destacando los efectos de las plataformas digitales sobre el deseo, la identidad y los vínculos afectivos. **Método:** ensayo teórico-reflexivo, fundamentado en aportes del psicoanálisis, la filosofía política y la crítica sociocultural, con énfasis en Freud, Lacan, Foucault, Mbembe, Bauman y autores contemporáneos.

Resultados: el análisis indica que las redes sociales operan como espejos tecnológicos en los que el sujeto contemporáneo busca reconocimiento, placer y confirmación narcisista mediante imágenes, “me gusta” y performances de sí mismo. En este ambiente, Eros es atravesado por el consumo, la visibilidad y la fantasía, mientras la identidad digital se convierte en una extensión inestable del yo. **Conclusión:** la resurrección simbólica de Narciso en las redes sociales revela nuevas formas de deseo, sufrimiento y subjetivación, exigiendo reflexión ética sobre tecnología, amor y existencia humana.

DESCRIPTORES: Psicoanálisis; Redes sociales; Narcisismo; Tecnología digital; Amor.

INTRODUÇÃO

Entre o self e a afirmação da própria existência, a hipermodernidade apresenta uma configuração complexa, marcada pela dependência cotidiana das tecnologias digitais. O fenômeno das redes sociais expressa um novo tempo: uma verdadeira babel tecnológica em que plataformas de encontros, alimentação, compras, bancos, entretenimento e serviços privados encontram-se reunidas na palma da mão. O homo sapiens atravessa, assim, uma metamorfose tecnológica, na qual a conexão deixa de ser instrumento periférico e passa a integrar a experiência subjetiva, relacional e social.

Esse cenário suscita uma pergunta central: estaria o humano superando o humano ou deslocando sua humanidade para avatares, telas e fantasias? Os smartphones contemporâneos concentram volumes de informação que ultrapassam, simbolicamente, antigas bibliotecas, mas não eliminam a condição desejante do sujeito. O homem permanece movido por falta, desejo e reconhecimento. A psique, atravessada por Eros, encontra nas redes sociais um território fértil para fantasias, performances e construções imaginárias de si.

Diante do virtual, da mentira e da mediação simbólica, o sujeito contemporâneo parece oscilar entre o real, o simbólico e o imaginário, categorias caras à leitura lacaniana da subjetividade. Nesse movimento, reaparece Narciso, não apenas como figura mitológica, mas como metáfora da identidade digital produzida pela vaidade, pela libido e pelo ego. As plataformas digitais convertem-se em supermercados de desejo, gôndolas de fantasia e vitrines de luxúria, nas quais a imagem do eu é oferecida, consumida e validada por métricas de visibilidade.

Este artigo tem como objetivo refletir criticamente sobre as relações entre Eros, psique, narcisismo e redes sociais na hipermodernidade, destacando os efeitos das plataformas digitais sobre o desejo, a identidade, o sofrimento e os vínculos afetivos. Trata-se de um ensaio teórico-reflexivo que articula elementos da psicanálise, da filosofia política e da crítica sociocultural para compreender a resurreição simbólica de Narciso nos espelhos tecnológicos contemporâneos.

EROS E O BIOPODER

Michel Foucault, ao discutir a microfísica do poder, contribuiu para a compreensão do biopoder como forma de gestão da vida. Em síntese, o biopoder designa uma racionalidade política que toma a vida como objeto de intervenção, buscando produzir corpos úteis, economicamente ativos, disciplinados e socialmente regulados. Embora o conceito tenha sido formulado para interpretar formas modernas de governo da população, sua atualidade permite compreender práticas contemporâneas de controle, vigilância, normalização do corpo, sexualidade e condutas sociais.

Nas redes digitais, o biopoder assume novas expressões. A vida cotidiana passa a ser monitorada, quantificada e transformada em dados. O corpo, o desejo e a imagem tornam-se objetos de circulação, avaliação e consumo. A subjetividade é estimulada a expor-se continuamente, ao mesmo tempo em que é capturada por algoritmos que organizam preferências, induzem comportamentos e modulam vínculos. Assim, a tecnologia não apenas amplia possibilidades de comunicação, mas também participa da produção de modos de vida, padrões de beleza, consumo e pertencimento.

Achille Mbembe amplia esse debate ao relacionar biopoder e necropolítica, indicando que a soberania também se expressa na decisão sobre quem deve viver e quem pode morrer. Ao articular essas categorias, torna-se possível observar que a vida digital não está dissociada das desigualdades sociais, raciais, econômicas e simbólicas. Plataformas que prometem liberdade e conexão também podem reproduzir exclusões, violências, censuras e formas de apartheid simbólico. O ambiente digital, portanto, não é neutro: nele se cruzam desejo, poder, mercado e hierarquias sociais.

Eros, nesse contexto, é capturado por dispositivos tecnológicos que transformam afeto em engajamento, desejo em consumo e visibilidade em capital simbólico. O amor e a sexualidade, antes cercados por tabus morais e sociais, passam a circular por aplicativos, imagens, mensagens e performances digitais. A quebra de antigas fronteiras não implica necessariamente emancipação plena; pode significar também nova forma de captura do desejo pelo mercado e pelo olhar do outro.

PSIQUE E REDES SOCIAIS

A psicanálise das massas, formulada por Sigmund Freud, oferece elementos importantes para compreender o comportamento coletivo, a identificação e a submissão simbólica dos indivíduos a líderes, ideais ou grupos. Para Freud, a massa é sustentada por vínculos libidinais, e Eros atua como força de coesão. Essa perspectiva pode ser atualizada

para pensar as redes sociais, nas quais multidões digitais se formam rapidamente em torno de imagens, opiniões, afetos, indignações e desejos compartilhados.

No ambiente digital, a individualidade pode ser simultaneamente exaltada e dissolvida. O sujeito é convocado a construir uma imagem própria, singular, atraente e desejável, mas essa construção depende da aprovação coletiva expressa em curtidas, comentários, compartilhamentos e seguidores. O self passa a existir na medida em que é visto. A fórmula simbólica do tempo poderia ser: curto, logo existo; posto, logo sou reconhecido; desejo, logo consumo.

O homo tecnológico vive em uma teia permanente de conexões e, muitas vezes, sustenta uma noção ingênua de informação, acreditando que o acesso a dados conduz automaticamente à verdade, à sabedoria e ao poder. Entretanto, informação não equivale a conhecimento, e conexão não equivale a encontro. A smart psique, com seu neocórtex conectado, pode permanecer afetivamente empobrecida quando a experiência do outro se reduz à imagem, ao estímulo rápido e ao consumo emocional instantâneo.

Nesse sentido, os likes funcionam como fast foods eletrônicos: alimentam de modo imediato, mas não necessariamente nutrem subjetivamente. A busca incessante por validação pode produzir dependência, ansiedade e sensação de insuficiência. O sujeito passa a medir seu valor pela resposta do outro digital, criando uma economia psíquica baseada na exposição e na recompensa.

TRÊS NOMES DO AMOR: EROS, PHILIA E ÁGAPE

A compreensão do amor pode ser ampliada pela distinção entre três palavras gregas: Eros, Philia e Ágape. Eros refere-se ao amor que deseja, toma, consome e se vincula à conquista, ao gozo e à paixão. Trata-se de uma força associada à ausência e à presença do objeto amado, pois o desejo renasce justamente quando o objeto se afasta ou se torna novamente inalcançável. Nas redes sociais, Eros encontra um campo privilegiado de intensificação, porque a imagem do outro está sempre disponível e, ao mesmo tempo, sempre incompleta.

Philia pode ser compreendida como a alegria vinculada à existência do outro. Não se limita à amizade em sentido estreito, pois envolve reconhecimento, presença e contentamento pela simples existência daquele que se ama. Ao contrário do consumo erótico imediato, Philia pressupõe vínculo, continuidade e reciprocidade. No mundo digital, entretanto, esse tipo de relação pode ser fragilizado quando a presença do outro é substituída por sinais de disponibilidade, status, stories ou mensagens fragmentadas.

Ágape, por sua vez, expressa uma dimensão gratuita e desinteressada do amor. Na tradição judaico-cristã, pode ser relacionada à ideia de retraimento de si para permitir que o outro exista. Essa compreensão contrasta com o peso do orgulho, da luxúria, da posse e da fantasia. Se a fantasia pode ser entendida como uma mentira do amor, Ágape aproxima-se de uma inteligência afetiva, capaz de reconhecer o outro sem reduzi-lo a objeto de satisfação.

A contemporaneidade, marcada pelo chamado amor líquido, evidencia a fragilidade dos laços humanos. Entre ideais platônicos, contos de fadas, narrativas cinematográficas e aplicativos de relacionamento, o amor é frequentemente colocado sob a lógica da escolha infinita, do descarte rápido e da comparação permanente. Surge, então, uma espécie de love tech, na qual a experiência amorosa é mediada por algoritmos, telas e expectativas de desempenho afetivo.

O ESPELHO TECNOLÓGICO DE NARCISO

O mito de Narciso reaparece nos espelhos mágicos da tecnologia. As telas oferecem ao sujeito a possibilidade de contemplar, editar e publicar a própria imagem, construindo versões idealizadas de si. O Face self da vida cotidiana apresenta o outro e, ao mesmo tempo, oculta a verdadeira identidade. A imagem digital torna-se máscara, promessa e mercadoria. O sujeito se reconhece no reflexo, mas também se perde nele.

A tecnologia rompeu tabus ligados à sexualidade, à moral e à exposição do corpo, mas também produziu novas ilusões narcísicas. O real das fantasias inconscientes passa a circular em signos, imagens e mensagens, frequentemente subordinado ao gozo capitalista. Entre o gozo cognitivo e o gozo tecnológico, a psicanálise de orientação lacaniana compreende o gozo como experiência que perturba a homeostase do corpo e ultrapassa a satisfação simples do desejo.

Quando o espelho de Narciso se parte, emergem angústia, desespero e sofrimento. Em Freud, a angústia pode ser compreendida como defesa do ego diante da antecipação de uma situação traumática. O eu se defende angustiando-se. Nas redes sociais, diversos fatores podem acionar esse mecanismo: comparação permanente, crises econômicas, conflitos familiares, rejeição simbólica, invisibilidade digital e busca incessante por reconhecimento.

A angústia sem objeto também se intensifica nesse ambiente. O sujeito busca algo que lhe falta, mas nem sempre sabe nomear o que procura. Busca amor, visibilidade, prazer, pertencimento ou confirmação? O desejo se desloca continuamente, e as

plataformas oferecem respostas rápidas, porém insuficientes. A identidade digital torna-se sombra que acompanha o sujeito, mesmo quando ele se distancia da tela.

ZEITGEIST, LIFESTYLE E SUBJETIVAÇÃO DIGITAL

O zeitgeist contemporâneo é marcado por rápidas transformações tecnológicas, ampla disponibilidade de informação, globalização cultural e novas formas de consumo. A experiência cotidiana é reorganizada por dispositivos que reduzem distâncias, aceleram interações e ampliam possibilidades de escolha. Esses aspectos afetam diretamente o estilo de vida, entendido como expressão das escolhas, valores, aspirações, roupas, alimentos, tecnologias e formas de interação com o mundo.

O lifestyle digital tornou-se linguagem social. A estética, o belo, o ter e o aparecer ocupam posição central nas mídias sociais. A felicidade passa a ser apresentada como obrigação; o gozo, a beleza e os excessos tornam-se imperativos simbólicos. Nesse cenário, muitos sujeitos buscam o sentido da vida fora da concretude da experiência, projetando-o no eterno, no místico, no sucesso ou na imagem pública.

A pergunta pelo sentido do self transforma-se em pergunta pelo sentido da própria existência. Se o sentido da vida está na vida concreta, como sugere uma leitura existencial, a mediação excessiva pelas redes pode afastar o sujeito da experiência vivida. A vida passa a ser registrada, editada e publicada antes mesmo de ser plenamente experimentada. O presente converte-se em conteúdo.

Assim, Narciso ressuscita nos espelhos mágicos da tecnologia. O desejo passa a organizar a existência: desejo, logo existo. O homo sapiens aproxima-se de sua versão homo consumens, dependente de smartphones, plataformas digitais e inteligências artificiais. A subjetividade é atravessada por consumo, imagem, fantasia e dados.

CONCLUSÃO

O homo sapiens evoluiu simbolicamente para uma versão homo consumens, dependente dos modernos smartphones, das plataformas digitais e das inteligências artificiais. Cercado por tecnologias de conexão permanente, o sujeito contemporâneo desloca parte significativa de sua vida afetiva, sexual, social e simbólica para ambientes virtuais. O sexo, o amor, a identidade e o desejo atravessam antigas fronteiras morais, mas também se submetem a novas formas de captura algorítmica, mercantil e narcísica.

A análise desenvolvida permite afirmar que estamos além de uma simples oposição entre real e virtual. As fantasias encontram no mundo digital um território de expansão, e a

libido passa a circular por imagens, curtidas, mensagens e performances. Narciso ressuscita na tela, não como repetição literal do mito, mas como figura que expressa a busca contemporânea por reconhecimento, visibilidade e confirmação do eu.

A identidade digital é a sombra que acompanha o sujeito. Like, logo existo. Entre amores virtuais, realidade líquida e vínculos frágeis, a concretude do ser parece cada vez mais distante desse novo humano. A reflexão ética torna-se indispensável para compreender os efeitos da tecnologia sobre o desejo, a angústia, o amor e a subjetivação. Mais do que rejeitar as redes sociais, é necessário interrogá-las criticamente, reconhecendo nelas tanto possibilidades de encontro quanto riscos de alienação, sofrimento e empobrecimento da experiência humana.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. Homo sacer: o poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BILICH, Jeane. Zeitgeist: espírito do tempo. [S.l.]: Grafitusa, 2009.
- CALLIGARIS, Contardo. O sentido da vida. São Paulo: Paidós, 2023.
- CERVANTES, Miguel de. Dom Quixote de La Mancha. São Paulo: [s.n.], [s.d.].
- EXAME. Zeitgeist: decifrando o espírito do tempo. Disponível em: <https://exame.com/lideres-extraordinarios/lifestyle/zeitgeist-decifrando-o-espírito-do-tempo/>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- FERRY, Luc. Do amor: uma filosofia para o século XXI. Rio de Janeiro: Difel, 2013.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.
- FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. Porto Alegre: L&PM, 2013.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. São Paulo: Companhia das Letras, [s.d.].
- FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. O sentido da vida é a vida concreta. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/assista/exibir/o-sentido-da-vida-e-a-vida-concreta/>. Acesso em: 20 nov. 2024.
- HARARI, Yuval Noah. Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- KOLTAI, Caterina. Política e psicanálise: o estrangeiro. São Paulo: Escuta, 2000.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. Psicologia social: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 2010.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: n-1 Edições, 2018.

SOUZA, Olga Maria Soubbotnik de; SOUBBOTNIK, Michael A. Enlaces: psicanálise e conexões. [S.l.]: GM Gráfica, 2008.

WINOGRAD, Monah; SOUZA, Mérity de. Processos de subjetivação: clínica ampliada e sofrimento psíquico. Rio de Janeiro: Cia. de Freud, 2012.